

A UTILIZAÇÃO DE CONJUNTOS DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS NO JORNALISMO ENQUANTO UMA DAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA CONGADA NOS *MEDIA*: UM ESTUDO DE CASO

Lilian Sagio Cezar

Resumo

O texto aqui exposto tem como fulcro estudar algumas das formas de representação da Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso, MG, e por conseguinte das comunidades produtoras de cultura popular de tradição afro-descendente, nos media. Partimos da análise de uma matéria sobre a Congada publicada em jornal de circulação local, cuja característica principal é a utilização de conjunto de imagens fotográficas na composição de uma narrativa visual. Percebemos nessa narrativa uma dupla referência: à Festa e à tevê. Esse veículo de comunicação, juntamente com outros de ação local, tenta promover a imagem da cidade que, por meio da divulgação mediática de sua Festa de Congada, se projeta a fim de ganhar destaque e visibilidade no âmbito regional.

A Congada

Os desfiles ocorridos nas festas organizadas pelas irmandades de escravos por ocasião da coroação simbólica de Reis e Rainhas africanos ou afro-descendentes ficaram conhecidos no Brasil por Congadas, Cucumbis ou Reinados de Congos e foram bastante comuns em toda a colônia, sendo ainda celebradas no presente momento em diversas localidades do Brasil, nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná, Pará. A primeira manifestação de Congada registrada por escrito no Brasil foi localizada no Recife em 1674.

A Congada, assim como o Moçambique, foram denominados por Mário de Andrade (1966) como dança dramática, cuja especificidade é a realização de bailados coletivos que obedeçam a um tema característico tradicional, e que tenham o formato de obra musical constituída por meio da apresentação de coreografia seqüencialmente ordenada, também conhecida por suíte. Sua origem é relacionada por alguns autores à apropriação de autos populares ibéricos reinterpretados por irmandades ou grupos de negros bantos em diferentes lugares e épocas (Brandão, 1985). Para outros, a encenação é constituída essencialmente de costume africano de manutenção de história oral via dramatização, no caso, de memórias de lutas havidas em África contra os invasores europeus, sendo tal dramatização transmitida de geração para geração, representando um dos grandes legados de história oral afro-brasileira ainda existentes (Cardoso, 1990).

A Festa de Congada pode também ser compreendida como um meio de expressão de conflitos sociais decorrentes das disparidades sociais entre o escravo e a elite constituída pelas oligarquias, Igreja, e o Estado durante todo o período colonial e regencial. As conseqüências das desigualdades sociais, econômicas e políticas advindas da escravidão ainda não foram completamente superadas e permeiam as atuais articulações estabelecidas entre comunidades produtoras dessa cultura popular afro-brasileira e os demais grupos de interesse: Estado, Igreja, empresários e fazendeiros locais, e mais recentemente os *media*. Passaremos a analisar aqui, através de um estudo de caso, algumas das especificidades referentes às articulações estabelecidas entre as comunidades

específicas de produtores de cultura popular e os meios de comunicação de massa, em especial o jornal impresso, por ocasião da anual Festa de Congada de São Sebastião do Paraíso.

"CONGADAS 2003" - um estudo de caso

São Sebastião do Paraíso tem aproximadamente 58 mil habitantes e está localizada no sudoeste de Minas Gerais. Segundo Calafiori (1996), desde a fundação do município, há 182 anos, escravos e seus descendentes realizam Festas de Congada e Moçambique. De uma maneira geral, verificamos que os *media* locais conferem destaque especial à Festa de Congada do município: os desfiles da Festa de Congada vêm sendo transmitidos ao vivo pela TV Paraíso (canal 10, filiada da Rede Minas de TV) desde 1989. Em 2003, uma outra filiada da Rede Minas de TV, a TV Sudoeste (canal 31) iniciou seus trabalhos nesse município e cidades vizinhas a partir da transmissão em caráter experimental da mesma Festa.

O jornal A Gazeta do Sudoeste, publicação de São Sebastião do Paraíso, tem edição regular e está em seu oitavo ano de existência perfazendo aproximadamente 500 publicações. No dia 31 de dezembro de 2003 o jornal publicou matéria em primeira página tratando especificamente da Festa de Congada do município. Essa publicação se tornou objeto de atenção e interesse dentro do contexto da pesquisa para dissertação de mestrado que venho desenvolvendo atualmente¹. Neste texto realizarei uma pequena análise dessa matéria dando destaque especial às três fotografias que a compõem.

Intitulada "CONGADAS 2003"², a matéria aqui analisada é composta por três fotografias e um pequeno texto com algumas informações decorrentes da realização da Festa. A editoração fora feita a partir da disposição das fotografias

¹ Esse texto é parte integrante do desenvolvimento do Mestrado em Multimeios - UNICAMP, intitulado "Terno de Congo: identidade e fotografias", em andamento sob orientação da Profa. Dra. Haydée Dourado de Faria Cardoso.

² A formatação dos títulos das matérias editadas pelo jornal é integralmente respeitada aqui pela autora que somente os transcreve, mantendo a formatação original utilizada pelo jornal na sua editoração.

na seguinte ordem: a primeira fotografia, que chamarei de Foto 1, tem dimensão de 14,5 X 9,5 cm, sendo as duas outras fotografias apresentadas logo abaixo, uma ao lado da outra. A Foto 2, localizada à direita, tem 6,8 X 5,0 cm e a Foto 3, à esquerda dessa composição, 7,1 X 5,1 cm. O título da matéria está escrito em branco sobre a parte superior da Foto 1, a maior fotografia dessa composição. A parte textual referente à matéria está situada logo abaixo das fotografias e é composta pelo título centralizado "VISITA ILUSTRE" seguido do texto disposto em duas colunas, cada uma com 7 linhas.

A primeira fotografia da matéria traz como referente três congadeiros, pertencentes ao terno de congo Xambá, dispostos um ao lado do outro, ambos empunhando microfones. Por ser uma fotografia P&B, não nos é permitido determinar ao certo qual a cor da vestimenta, em especial, a cor das camisas usadas pelos congadeiros. Podemos, contudo, visualizar na Foto 1 que essa vestimenta é composta por camisa de cetim brilhante, calça branca, faixa amarrada na cintura, chapéu adornado com longas fitas que caem sobre todo o corpo do congadeiro até a altura da canela. O primeiro congadeiro representado na imagem traz à mão, além do microfone, sua caixa também adornada por fitas, e na outra mão o cambito³ que ressoa a caixa.



Imediatamente ao lado desse congadeiro visualizamos o capitão do terno Xambá que é quem tem a responsabilidade pelo batalhão⁴. É dele o poder de realizar o canto, o louvor aos Reis, Rainhas, Princesas e aos Santos. O capitão traz na mão direita o seu longo bastão que vez por outra apoia no ombro direito;

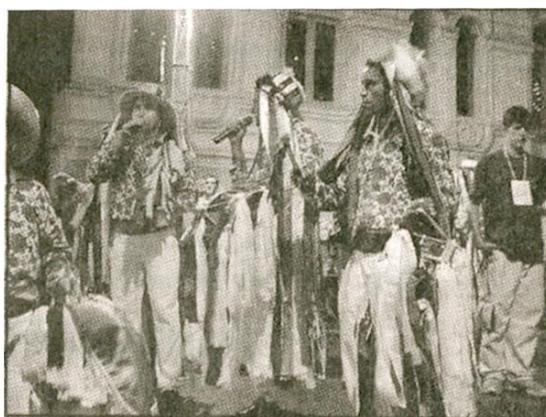
³ Cambitos: nome da designação local para baquetas de percussão.

⁴ Batalhão: grupo de congadeiros ou terno de congos organizados em filas obedecendo à formação cerimonial específica denominada por eles mesmos como cortejo. Essa é a formação utilizada nos desfiles em praça pública, nas andanças pela cidade para "puxar" (acompanhar em cortejo) "rainhas" (pessoas da comunidade que vão, acompanhadas pelos ternos de congadeiros ou moçambiqueiros até a Igreja Matriz para pagar promessas).

adornado por fitas, o bastão, além de simbolizar ascensão à hierarquia, possui em si o poder de proteção e guarda do batalhão.

O terceiro congadeiro da tríade tem os olhos fechados apesar de voltados em direção à câmara. Também empunha o microfone à altura da boca, provavelmente acompanhando em segunda voz o canto do capitão como é de costume na Congada. À mão esquerda traz sua caixa também adornada com fitas. O primeiro plano dessa foto é totalmente composto pela tríade de congadeiros do terno Xambá; a câmara está posicionada na mesma altura dos referentes⁵ de modo a enquadrá-los em plano americano, desde a altura um pouco acima do joelho até o chapéu.

A Foto 2 dessa composição tem como referentes congadeiros do terno de congo União. Em primeiro plano visualizamos também três congadeiros desse terno. As vestimentas utilizadas pelos componentes do terno União nesse dia eram compostas por calça branca, faixa bicolor amarrada à



cintura, camisa estampada, chapéu ornado com fitas em vários tons que, como os do Xambá, cobrem o corpo do congadeiro até a altura da canela. O congadeiro representado à esquerda da fotografia carrega o bastão ornado com fitas apoiado no ombro esquerdo e na mão direita o microfone empunhado à altura da boca. Esse é o capitão do terno União. Seu olhar está voltado para a frente dos palanques onde se localizavam as personalidades da Congada e as autoridades municipais.

Imediatamente do lado esquerdo do capitão encontra-se representado outro congadeiro que tem seu corpo e olhar voltados em direção ao próprio capitão. Esse congadeiro também empunha o microfone à altura da boca e provavelmente realiza a segunda voz. Ao lado desse terceiro congadeiro, num plano posterior, visualizamos um rapaz vestindo tênis, calça larga e camiseta

⁵ Como referente entendo, como quer Barthes (1984), tudo aquilo que é representado na fotografia.

escura; traz no peito um crachá destinado aos profissionais da organização da festa e imprensa. Em sua mão direita carrega um microfone e sua função no contexto da festa é captar o som dos instrumentos posicionados logo após o capitão. Visualizamos também, à esquerda da fotografia, à frente do capitão, a figura, cortada pelo enquadramento, de um menino desde já congadeiro segurando na mão sua caixa.

A terceira e última fotografia da matéria, Foto 3, dá visibilidade ao palanque por conta da visita do ator Stênio Garcia e de sua esposa. O fotógrafo posicionou sua câmara de baixo para cima em relação ao palanque. Sua fotografia tem como referentes centrais, assim como nas



demais fotografias da composição, a tríade; nessa cena, ela é composta pela esposa do ator à esquerda da fotografia - trajando uma blusa escura, calça jeans, cordão no pescoço -, o próprio Stênio Garcia no centro - tendo sua mão direita levantada em saudação ao público em geral e a mão esquerda saudando uma outra mão de alguém que está no extra-campo da fotografia - e a prefeita de São Sebastião do Paraíso, Marilda Melles, à direita - que também está de pé e tem seu braço direito dobrado, como quem dá passagem a Stênio, e o braço esquerdo apoiado na grade do palanque.

A Congada nos *media*





Para realizarem Festa de Congada, os congadeiros necessitam negociar autorizações de uso dos espaços públicos como ruas, praças, e também de espaços privados, em especial a Igreja; precisam também de um certo reconhecimento e valorização dados pela população, fiéis religiosos, autoridades representantes dos poderes econômicos locais. Concomitantemente, os incentivos desses variados setores sociais e econômicos ajudam a promover a

Festa e dela fazem uso na medida em que a Congada pode atender interesses diversos: a população valoriza a Festa como folclore e acontecimento que contribui para a formação e manutenção da identidade dos que ali vivem, os fiéis religiosos reverenciam os Santos homenageados, as autoridades vêm reconhecimento nos serviços prestados ou nos favores particulares concedidos aos integrantes e membros da Festa, as autoridades políticas esforçam-se para angariar votos, desenvolver o potencial turístico da região, manter sua tutela sobre aqueles que eles julgam ter dominado, num ciclo envolvente que congrega o tempo da Festa, o local destinado às suas específicas formas de sociabilidade desenvolvidas e todos aqueles envolvidos direta ou indiretamente na Congada.

A estrutura que vem sendo disponibilizada pela Prefeitura Municipal desde os anos 1960 para a apresentação do concurso para julgamento do melhor terno de Congo e de Moçambique de São Sebastião do Paraíso fez com que os conflitos e negociações estabelecidos anualmente entre grupos de interesses diversos - Igreja, fiéis, Estado, políticos, comerciantes, entre outros - e as comunidades de congadeiros fossem paulatinamente sendo subsumidos pela disputa e rivalidade entre os ternos.

O papel das imagens dos jornais e da tevê nesse contexto foi o de amplificar a repercussão dos fatos, gerando ao longo dos anos a impressão da continuidade temporal e da tradição do concurso, a ponto de as pessoas se questionarem se se o concurso fosse extinto, conforme vontade manifesta de alguns líderes dos congadeiros, a Congada também se extinguiria. O concurso é concomitantemente a forma institucionalizada e consagrada, através do público e dos *media*, da Festa de Congada, e a dissimulação de relações sociais conflituosas entre representantes de camadas sociais distintas (afro-descendentes à margem da sociedade de classes e a elite local) por meio da competição estabelecida entre pares de uma mesma categoria, a saber, congadeiros e moçambiqueiros.

A impressão de continuidade temporal e tradição advinda do concurso, somada à dissimulação das relações sociais conflituosas entre os indivíduos diretamente envolvidos com a Festa, faz com que o palanque montado anualmente para receber as personalidades municipais durante os dias da Festa

não seja motivo de grande destaque dos *media* locais, afinal, a disputa entre ternos mobiliza paixões, religiosidade e tradição entre os moradores e o público da região. As câmaras (fotográficas, de tevê, de vídeo) em 2003 destacaram tal palanque quando se viram atraídas por algo exterior ao mencionado panorama de agentes produtores da Festa, políticos e personalidades municipais.

A visita de um ator de projeção nacional a cidades pequenas e médias, que estejam fora de circuitos turísticos tradicionais, é geralmente tornada notícia jornalística na imprensa daquele local. No caso aqui analisado, o texto da matéria trata especificamente dessa visita e a terceira fotografia da reportagem cumpre o papel de tornar visível, portanto crível (Freund, 1974), tal presença na cidade. Stênio Garcia não fora só fotografado pelo jornal a Gazeta do Sudoeste nessa ocasião, ele também deu entrevistas à rádio AM, à TV Sudoeste, a outros jornais impressos da região, enfim, o assédio por parte da imprensa foi bastante intenso. O texto de 14 linhas que compõe e finaliza a matéria "CONGADAS 2003" refere-se especificamente à informação da visita de Stênio Garcia à Festa de Congada a convite da família Melles⁶. Sua imagem rapidamente foi associada a tal família, ganhando aspectos políticos dentro do contexto municipal.

Por meio da matéria " CONGADAS 2003" percebemos também grande quantidade de informações imagéticas sobre os respectivos referentes de cada uma das fotografias, passíveis de serem identificadas a partir de um determinado repertório cultural específico do município, e em especial das Congadas de São Sebastião do Paraíso. Interessante notar que as informações detalhadas sobre a composição das fotografias e a menção aos seus respectivos referentes não estão presentes na matéria na forma de legendas. Quase não há referência escrita à Festa, ou às Congadas em geral. É a narrativa visual, realizada por meio da editoração desse conjunto fotográfico, que basicamente compõe a reportagem. O editor se restringe a *mostrar*, tornar visíveis, os acontecimentos da Festa de Congada ao público do jornal que é relativamente restrito à região de São Sebastião do Paraíso.

⁶ A família Melles possui prestígio político na região. Carlos Melles, marido da prefeita de São Sebastião do Paraíso, Marilda Melles, é atualmente Deputado Federal pelo PFL e ocupou o cargo de ministro no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso.

A atenção destinada aos congadeiros na matéria "CONGADAS 2003" foi pequena se comparada à amplitude e à repercussão da Festa no município. As fotografias dos ternos veiculadas no dia 31 de dezembro, dia da apuração do concurso para seleção do melhor terno de Congo e Moçambique promovido pela Prefeitura Municipal, restringiram-se aos dois ternos favoritos para ganhar o concurso. O Xambá, grande favorito, obteve fotografia de maior amplitude, e o União, que foi quem ganhou o concurso, também teve fotografia sua publicada ainda que em dimensões reduzidas. Apenas esses dois ternos de congo mereceram fotos nessa gazeta regional, quando na festa, que é a maior festa local, desfilaram nove ternos de congo. Cabe ressaltar que nenhum dos seis ternos de moçambique fora fotografado.

A estada de Stênio na cidade também fora percebida por alguns dos moradores do município como exemplo do quanto a Festa de Congada associada aos *media*, em especial, às transmissões televisivas da recém inaugurada TV Sudoeste, podem funcionar como forma de atração turística por meio da divulgação dessa cultura local. Diversas opiniões e depoimentos dados por autoridades locais à tevê em entrevistas e programas específicos sobre as Congadas enaltecem os possíveis benefícios referentes à ação dos *media* na divulgação e na transmissão da Festa. A projeção regional da imagem do município por meio das imagens da Congada é uma das propostas de trabalho da TV Sudoeste e do próprio jornal impresso A Gazeta do Sudoeste.

As imagens fotográficas que compõem a matéria "CONGADAS 2003" analisadas no contexto e acontecimentos específicos à Festa deixam transparecer uma certa ambigüidade do caráter da representação da Festa de Congada nos *media*: as fotos podem ser analisadas como narrativas visuais que dão credibilidade aos eventos textualmente relatados, no caso a própria Festa e a visita de Stênio Garcia aos desfiles. Concomitantemente, elas também são uma maneira de expor e divulgar esses mesmos acontecimentos, como uma "peça publicitária" capaz de agregar possíveis símbolos positivos ao município e, por conseguinte, aos *media* locais.

Ao tratar a Festa como um evento publicitário da cidade, os *media* podem expor a Congada às exigências de inovações constantes, próprias da pressão

do mercado publicitário, e que são, por essência, conflituosas com relação à produção e expressão de uma cultura específica e tradicional. Para o pesquisador fica a certeza de que esse é mais um dos aspectos a serem investigados junto à representação das manifestações culturais de extração afro-brasileira nos *media*.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo : Martins, 1966.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, P. A gênese social do olho. In: _____ **As regras da arte gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, C. R. **A festa do santo de preto**. Goiânia: GO.FUNARTE/ Universidade Estadual de Goiás, 1985.

CALAFIORI, L.F. **São Sebastião do Paraíso histórias e tradições**. São Sebastião do Paraíso : Prefeitura Municipal, 1996.

CARDOSO, H.F. **O gesto, o canto, o riso: história viva na memória**. 1990. 216p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

FREUND, G. **La fotografia como documento social**. Barcelona : Gustavo Gilli, 1974.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro : Arbor, 1981.